

DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, fevereiro — Esta cidade está servida pelo menos por três estradas que são as melhores do Brasil: as que vão para Santos, para Campinas e para o Rio. Sejam francos: a cidade de São Paulo — ou pelo menos a sua Prefeitura — não mereciam isso. Porque se as estradas são excelentes, alcançá-las é difícil. As entradas (ou saídas) da cidade são incrivelmente estreitas, atravancadas e ruins. Quem chega de Santos e quer ir à praça da Sé deve subir uma ladeira incrível; quem pretende atingir a estrada de Campinas, deve passar, por exemplo, sob um pontilhão estreito onde só entra um carro de cada vez. É preciso abrir estradas dentro da cidade.

Enquanto isso não se faz, saímos assim mesmo pela faixa de cimento da via Anhangüera, rumo a Valinhos. Esses oitenta e tantos quilômetros são da paisagem rural mais civilizada do Brasil: a terra que não está penteada de lavoura está plantada de eucaliptos. Não há mato; o mais que acontece é bosque. E esta mesma fazenda a que chegamos tem mais nome do que geito de fazenda. Há plantação de figos, uma cerâmica, porcos e galinhas de raça, vinhedos, abelhas. Tudo isso feito com uma intensidade que não é da velha roça brasileira, parece mais coisa industrial; até os figos, com aquele pó protetor, parecem mais fabricados do que nascidos. Erramos por um caminho menos arrumado, e entre mangueiras temos a surpresa de encontrar dois cajueiros. Há um número surpreendente de tizius, esse passarinho preto que de repente dá um pulo vertical no ar e volta ao galho, dizendo "tiziu".

A casa grande, em cimento armado, tem a sala principal com um pé direito de seis metros. Flávio de Carvalho faz cenários wagnerianos com essas cortinas imensas, e janta em grosso silêncio, na longa mesa de vidro iluminada por baixo. Para os lados projetam-se, como asas de um avião monstruoso, as varandas "que este ano vou aumentar, vou aumentar de vários metros e dar o dobro da largura — diz ele — porque assim poderemos ficar aqui nos dias das grandes chuvas; as grandes chuvas são belíssimas, e assim poderemos usufruir da varanda a beleza das grandes chuvas.

E vá alguém falar de arquitetura funcional! Não será por acaso uma função da casa permitir o máximo aproveitamento da beleza das grandes chuvas? Na cidade próxima as indústrias se acumulam. Paramos numa garage, ficamos esperando arrumar o automóvel. Passa uma negrinha borita, mas tão magra, tão rápida e tão pretinha que, quando ela se detém um pouco, em pleno sol, à porta da venda, temos a impressão de que poderia subitamente dar um salto no ar e dizer: "tiziu"!

18.2.57

R. B.